

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**Ingrid Assis Coelho**

# **ENTRE PREÇOS E PRAIAS**

Quem é barqueiro na Ilha Grande?

Rio de Janeiro  
2005

# **ENTRE PREÇOS E PRAIAS**

Quem é barqueiro na Ilha Grande?

Monografia apresentada  
ao Departamento de Ciências  
Sociais do Instituto de Filosofia  
e Ciências Humanas da  
Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro.

Aluna: Ingrid Assis Coelho

Orientadora: Rosane Manhães Prado

Rio de Janeiro  
2005

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar a luz e a família que tenho.

A meus pais, Pedro Luiz e Vilma, por não se cansarem de me incentivar e dar o exemplo no caminho da busca do conhecimento.

Ao meu irmão, Luiz Eduardo, por me proporcionar as distrações e descontrações durante toda minha vida. Obrigada por trilharem comigo o caminho dessa existência e torná-lo mais doce, florido e interessante.

À Rosane Prado pela imensa paciência, delicadeza e espontaneidade, exemplo de observadora em harmonia com seu objeto, nem digo de estudo, mas de desejo. Obrigada pelo abrigo, pelo alimento, pelas idéias e experiências de vida e vivência generosas de observação do outro.

A todos os companheiros de estágio, Marcus, Márcio (obrigada pela paciência com meus pedidos de auxílio inesperados ou, como eu diria, desesperados!), Augusto e Roberta, por dividirem e permitirem que eu dividisse nossas angústias, fotografias, questões, caipirinhas, dúvidas, Cd's, anseios, forrós e curiosidades sobre o trabalho de campo, sobre este novo mundo que se abriu diante de nossos olhos assim que pisamos naquela tensa, verde, densa, azul, instigante, quente, chuvosa, e deliciosa Ilha Grande.

A todos os barqueiros, nativos ou não, baianos ou não, enfim, a todos os amigos que fiz neste percurso, que com seus discursos e com suas vivências, com seus gestos, com seus olhares, com suas imagens, com seus exemplos me ajudaram a entender melhor daquele que chamamos “o outro”.

Ao meu querido Carlos Henrique por seu companheirismo e amor constantes.

Ao Grupo de Teatro O Porão, Andréa, João, Leiza, Káthia, Filipi, Vinícius, Christiane amigos que enchem minha vida de cor, alegria, magia, fantasia, e, com quem, de certa forma, também aprendo a arte da observação, da humildade, da doação de si e da amizade.

## DEDICATÓRIA

Gostaria de dedicar este trabalho ao meu palhaço preferido, motivo das minhas primeiras risadas: meu avô, Paulo Beda, que teria se orgulhado de ver a sua neta graduando-se na faculdade.

## RESUMO

A partir da implosão do chamado “Presídio”, localizado na Vila Dois Rios, Ilha Grande (Angra dos Reis, RJ) em 1994, adveio um enorme e desordenado crescimento da atividade turística na Ilha. A Vila do Abraão, considerada a porta de entrada da Ilha, foi a que sentiu mais rapidamente esta transformação. Nela se concentra a maioria dos “de fora” que vêm tentar se estabelecer na Ilha, como os “pousadeiros”, os “barqueiros” e diversos comerciantes.

Essa “explosão do turismo”, juntamente com o enfraquecimento da atividade da pesca, que era uma das principais atividades econômicas da Ilha, teve grande influência para a constituição do que hoje se reconhece como um segmento importante na vida local: os “barqueiros”. O grupo dos “barqueiros”, dentre aqueles recentemente constituídos, é formado tanto pelos “de fora” (“não-nativos”) quanto pelos “de dentro” (“nativos”).

Dentro deste universo, este trabalho trata de como “os barqueiros” se constituíram; da caracterização de um “barqueiro”, da contrastividade entre barqueiro e pescador; como se organizam e se autoclassificam, a interação dos subgrupos existentes dentro do próprio segmento dos barqueiros; como se relacionam com o universo turístico com o qual lidam e as divergências entre eles. E, por fim, como tudo isso se relaciona com a lógica de interesses/lucro trazida pela “explosão do turismo”.

## SUMÁRIO

1. Apresentação.....	6
2. A Transformação.....	8
3. Os barcos no contexto turístico.....	11
4. Categorias funcionais dos “barqueiros” .....	15
5. Caracterização e classificações de “barqueiro” .....	18
6. A questão dos preços e a geração de conflitos.....	20
7. Conclusão.....	22
8. Referências Bibliográficas.....	24

## 1. APRESENTAÇÃO

Os barcos se destacam no cenário e na infra-estrutura de transporte da Ilha Grande por serem o principal meio para chegar à Ilha e conhecer todo o seu entorno. E aqueles que trabalham nos barcos - os barqueiros -, também fruto da “explosão” turística acontecida na Ilha na década de 90, são igualmente atores sociais que se destacam nesse cenário, constituindo assim um objeto de pesquisa digno de interesse nessa configuração de turismo em que se enquadra hoje a Ilha Grande.

Sendo guiados pelos barqueiros e em seus barcos, faz-se a travessia entre o continente e a Ilha. São eles que fazem essa “ponte” de contato da Ilha com o mundo exterior, uma forma de mediação. É através deles – barcos e barqueiros – que chegam à Vila do Abraão, considerada a “capital da Ilha”, todos os dias, os turistas, que representam o principal motor de sustento local, pois trazem, direta ou indiretamente, novas oportunidades de trabalho em pousadas, no comércio local, nos passeios de barco, etc. mas, também, segundo a visão de uma parte dos moradores, trazem mais lixo, drogas, violência, enfim, todo o “mal que vem de fora”.

Os barqueiros representam um segmento importante e de grande visibilidade no contexto imperante do turismo na Ilha. São eles que fazem este trabalho de leva-e-traz tudo. Além disso, transportam as pessoas da/na Ilha entre as praias, fazendo também o contato entre as comunidades.

Procurei investigar, a partir da questão: “nativos *versus* não-nativos”, que permeia todas as relações existentes no Abraão, identificada por Prado em seus trabalhos sobre a Ilha (2000; 2003), questões de formação de identidade e organização do grupo dos “barqueiros”.

O material colhido para obtenção dos dados foi baseado em: 25 entrevistas dirigidas com perguntas abertas, feitas tanto com barqueiros nativos, quanto os não-nativos, onde pude perceber a visão de cada um sobre sua atividade e sobre seu grupo social, assim como a visão que eles têm sobre a própria Ilha Grande; observação participante, onde pude participar do cotidiano dos barqueiros e dos conflitos que surgem entre eles; e conversas informais com “nativos” e “não-nativos” que trabalham, trabalharam ou nunca trabalharam com barcos; leituras de jornais e informativos locais como *O ECO*, *Voz Nativa* e *Bicho Verde*, textos acadêmicos e de algumas redações dos alunos da escola local; consultas a órgãos oficiais como a Prefeitura de Angra do Reis; o

IEF (Instituto Estadual de Florestas); às ONG's CODIG (Comitê de Defesa da Ilha Grande), SAPÊ (Sociedade Angrense de Proteção Ecológica) e à Brigada Mirim Ecológica da Ilha Grande; à ABIG (Associação de Barqueiros da Ilha Grande) e à Associação de Moradores da Vila do Abraão. O trabalho de campo foi realizado entre agosto de 2001 e julho de 2003.

## **2. A TRANSFORMAÇÃO: DE PRESÍDIO / PESCADOR A TURISMO / BARQUEIRO**

A Ilha Grande, localizada no litoral sul fluminense, pertencente ao município de Angra dos Reis, possui uma extensão de 193 km<sup>2</sup>. Desde “o descobrimento” já exercia um papel marcante na história, abrigando piratas, corsários, traficantes de escravos e contrabandistas e, posteriormente, com a colonização portuguesa, lavradores que cultivavam cana de açúcar e, em seguida, café. “Na história da Ilha Grande repercutiram todos os ciclos econômicos reconhecidos na história do Brasil, com a formação do que se considera como a cultura caiçara...” (Prado, 2003:207).

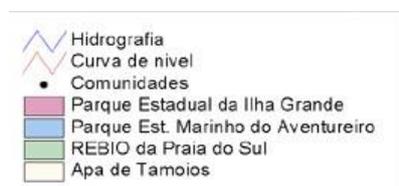
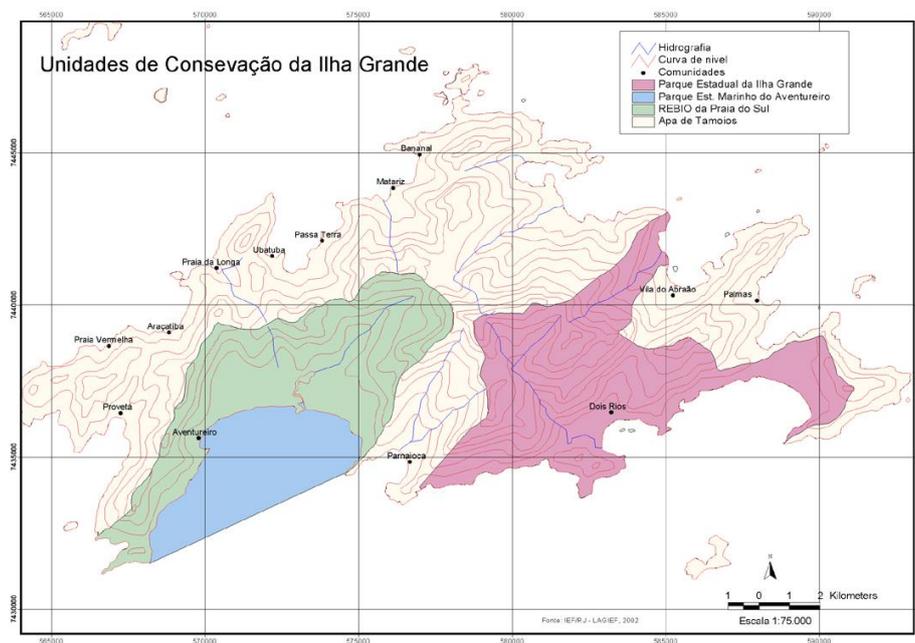
Com tamanho trânsito de diferentes tipos étnicos durante toda a sua história, a Ilha Grande presenciou a origem do que alguns estudiosos consideram um dos primeiros grupos culturais nacionais: os caiçaras, “descendentes da mescla étnico-cultural de indígenas, de colonizadores portugueses e, em menor grau, de escravos africanos, cujas comunidades tradicionais subsistiam através da agricultura itinerante, da pesca artesanal, do extrativismo vegetal e do artesanato” (Jornal da USP, 28/3 a 3/4/05) e que ocuparam grande parte da faixa litorânea do sudeste brasileiro, área também correspondente à faixa de Mata Atlântica no país.

O caiçara vivendo em direta interação com a natureza, fazia seu roçado familiar, tirava algumas árvores da floresta tropical para a construção de suas canoas de pesca, e pescava artesanalmente os peixes, principalmente a sardinha, para seu sustento.

Na Ilha Grande, na década de 30, iniciou-se o processo de salga de peixe realizado por imigrantes. Até a década de 70 existiam na ilha muitas fábricas de salga de peixe, sardinhas prensadas e em lata. Foi quando se iniciou o declínio da pesca devido a fatores como a chegada de grandes barcos de pesca industrial que utilizavam a pesca de arrasto e outras formas predatórias de pesca, a própria diminuição da sardinha na baía da Ilha Grande devido a degradação dos ecossistemas litorâneos, o fechamento das fábricas de sardinhas locais (algumas estão hoje transformadas em pousadas), a criação das Unidades de Conservação, a especulação imobiliária. Tudo isso fez também com que alguns caiçaras fossem obrigados a vender suas terras e sair da Ilha. Assim como a construção de estradas ligando o centro do país ao litoral também contribuíram nesse processo. “As estradas para o litoral (neste caso a BR 101 ou Rio - Santos) trouxeram consigo grandes mudanças, talvez irreversíveis, à sobrevivência caiçara baseada em

atividades de subsistência, já que o território terrestre destas populações está sendo vendido e ocupado por uma população eminentemente urbana, ou então resguardado sob a forma de unidades de conservação de uso restrito” (Adams, 2000:224).

Na década de 70 começaram a ser instituídas as Unidades de Conservação da Natureza<sup>1</sup> (UC's) que cobrem a Ilha Grande em toda a sua extensão:



#### **Algumas das unidades de Conservação presentes na Ilha Grande.**

Estas Unidades de Conservação que coexistem e se superpõem, na Ilha Grande são regidas por um conjunto de leis e normas ambientais que se aplicam de forma contraditória ou em excesso, visto que há uma diversidade de tipos de unidades de conservação, com diferentes órgãos públicos gestores, de todos os âmbitos institucionais. A criação destas UC's coibiu certas práticas que os nativos adotavam há gerações, dentre elas, a caça, a pesca, a pesca com rede, e a derrubada de uma parte da

<sup>1</sup> Parque Estadual da Ilha Grande, criado em junho de 1971; Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul, criada em dezembro de 1981; Área de Proteção Ambiental de Tamoios, criada em dezembro de 1986; Reserva Biológica da Ilha Grande, criada em março de 1987 (esta considerada como “parque de papel” e não reconhecida); Estação Ecológica de Tamoios, criada em janeiro de 1990; Parque Estadual Marinho do Aventureiro, criado em novembro de 1990.

mata para a feitura de roças de subsistência das famílias caiçaras. É importante salientar que as famílias caiçaras que já habitavam nessas regiões onde foram instituídos esses territórios restritos de proteção ambiental, não foram em nenhum momento consultadas para emitir opiniões ou sugestões sobre essas demarcações. Nunes (2005) explica claramente essa traumatizante mudança para as populações caiçaras: “As novas fronteiras (impostas pelas UC’s) são ‘rupturas de tempos históricos’, sem sentido para a população por elas segregadas. Essas fronteiras desrespeitam os traços de identidade cultural-mítica-simbólica que une a comunidade e conseqüentemente geram conflitos”(Nunes, 2005, Jornal da USP, nº 721).

“O território (áreas de proteção) é uma produção, uma construção a partir do espaço, e como toda produção envolve relações. Temos no território um campo de forças convergentes e divergentes, temos, portanto, um campo de poder. Pode-se definir território como um campo “não-visível” de forças, onde formas de controle são estabelecidas por grupos sociais. Quando há a sobreposição de territórios com interesses diversos de grupos igualmente diversos, estabelecem-se os conflitos, a subjugação dos povos etc. É o caso dos grupos sociais afetados pela criação de unidades de conservação” (Nunes, 2005, Jornal da USP, nº 721). Aqui se coloca um ponto importante e recorrente no Abraão: a constância de conflitos entre grupos de interesses diversos, que veremos mais adiante.

Mas além da instituição das unidades de conservação na Ilha um outro fator contribuiu para que a transformação se tornasse ainda mais evidente. Há dez anos, a Ilha presenciou a implosão de um ícone da nossa história, o Instituto Penal Cândido Mendes ou, simplesmente, “Presídio”, como é chamado. Para os nativos da Ilha, o “Presídio” era uma das principais fontes de renda juntamente com a pesca. A pesca era uma atividade econômica que ocupava grande parte da população da Ilha, sendo a maioria das comunidades núcleos de pescadores.

Com a implosão do Instituto Penal Cândido Mendes em 1994, muitos de seus ex-funcionários, moradores da Ilha, e até ex-presos permaneceram na Ilha. Da perspectiva de uma parte da população local, sem a “proteção” do Presídio a Ilha tornou-se um “alvo fácil” à “invasão” turística. Portanto, alguns antigos moradores, não se sentindo mais tão seguros sem a “presença” do “Presídio” resolveram sair da Ilha. Esses são alguns dos depoimentos daqueles que resolveram ficar:

*“Já pensavam na implosão que a Ilha também estava sendo implodida. A Ilha também implodiu junto, a Ilha tá indo embora. Queria que o Presídio voltasse”.*

(nativa)

*“Muito desmatamento, não são moradores, são as pessoas de fora que vêm construir aqui. As pessoas que vêm para a Ilha só querem construir mais pousadas e só pensam em ganhar dinheiro e não pensam na Ilha.”*

(nativa)

*“Trabalho muito, dia e noite. No tempo do Presídio eu dormia o dia inteiro e tinha dinheiro no bolso e agora eu trabalho e não tenho dinheiro”*

(nativo, ex funcionário do Presídio)

“Para algumas populações nativas, o funcionamento da prisão não só envolvia poucos riscos como estabelecia um firme ordenamento social” (Gomes, 2001). Os moradores que ficaram procuraram outras fontes de renda, já que o Presídio fora desativado e a atividade pesqueira diminuída. Assim, a implosão do presídio foi “eleita” o marco inicial de todas as transformações acontecidas no Abraão desde então. Nesse sentido, vejamos alguns depoimentos de moradores da Vila do Abraão sobre as mudanças sofridas:

*“...O Abraão modificou-se e muito! Quem o conheceu há 20 anos atrás, atualmente se surpreende com tamanha mudança. Por exemplo: em relação ao turismo, na época do presídio, a Ilha Grande não era tão assediada, pois além de só existirem duas pousadas (Hotel do Elias e Pousada da Penha), também tinha o problema dos presos, pois muitas pessoas tinham medo de vir pra cá e serem atacadas por eles. Resumindo: O Abraão era um lugar mais tranqüilo e não existia tantos problemas em relação ao lixo, entre outros.” “...Assustadoramente, são muitas as pessoas desconhecidas que hoje habitam o Abraão (alguns desses, moradores imigrantes) e*

consequentemente algumas dessas trazem junto consigo o mal (drogas), enquanto outras não, até ajudam de alguma maneira a preservar o Abraão, fato que às vezes muitos moradores não se preocupam.

Antes podia-se dormir com as janelas abertas sem perigo de algo acontecer. Hoje em dia até roubos existem nesse lugar – alguns marginais, que com certeza não têm o que fazer e que também não nasceram na Ilha, estão fazendo desse lugarejo um lugar sem paz nem tranqüilidade...”

Aluna do Colégio Estadual Brigadeiro Nóbrega  
(Voz Nativa, nº 0 – Março 2002, grifos meus)

“Tinha um controle feito por policiais para que os moradores tivessem uma vida boa, sem qualquer problema. Hoje em dia, nós não temos mais esta tranqüilidade... drogas, estrangeiros que querem de alguma forma se apossar de nossas terras, muita entrada de pessoas maléficas”.

(Nativo, grifos meus)

“Aqui no Abraão e outras praias, as pessoas antigas vende sua propriedade para uma pessoa que não conhece, um estranho para a comunidade e assim vai indo. Assim a Ilha vai perdendo toda sua cultura e seu costume”.

(Não-nativo)

Já outros, aliviados pelo Presídio ter “saído”, mas sem fonte de renda fixa, já que aquele era sua principal renda, que se restringia à atividade policial, foram procurar novas fontes de renda, no mercado turístico (pousadas, barcos de passeio, guias, agenciadores, etc).

“Tem mais emprego e menos segurança”, “A Ilha precisa do turismo sim, mas até certo ponto”.

(Nativo)

*“A maioria dos moradores são filhos de pescadores que antes viviam só da pesca. Pescavam e vendiam os peixes entre eles mesmos e alguns poucos turistas e comerciantes. Este era o meio mais importante de sobrevivência do lugar. Existia também uma fábrica de sardinha, que também gerava emprego para os moradores. Porém, com o passar dos anos, com a emancipação do lugar, hoje vive-se do turismo local: são pousadas, restaurantes, lojas, agências. Hoje só não trabalha quem não quer ou não pode.”*

(Não-nativo)

*“O que mudou no lugar foi as pessoas, o lugar não. Tem mais gente de fora do que do lugar, mas não mudou, infelizmente atrapalha um pouco. Perdeu um pouco a ordem, as autoridades parece que não estão agindo... O turismo foi bom porque muita gente vive do turismo e também da prefeitura, bombeiro, polícia e caseiro.”*

(Nativo)

Se, por um lado, se vê que muitos problemas são atribuídos ao turismo, mesmo que esse não seja a causa principal e direta, por outro lado, se vê também que os moradores têm uma opinião ambígua sobre o turismo: o turismo é bom e é ruim, pois na mesma medida em que se diz que trouxe gente de fora, mais movimento, drogas, mais lixo, mais barulho, mais comércio, se diz também que trouxe mais empregos, mais possibilidades de ganhar dinheiro, tanto no comércio, quanto empregados nas pousadas, nas casas de turistas, e assim por diante.

E, conseqüentemente, essas oportunidades de ganhos com o turismo em geral também chamam, cada vez mais, pessoas de fora. Ou porque não tiveram sucesso em suas antigas ocupações, ou porque não se adaptaram aos trabalhos nas grandes cidades. Ou porque essas pessoas não tiveram formação escolar suficiente ou porque tiveram, mas vêm no Abraão uma forma de ganhar dinheiro e ao mesmo tempo melhorar a qualidade de vida, morando num lugar considerado paradisíaco como a Ilha.

Mas constraçando-se a isso o que os caiçaras e moradores mais antigos colocam é que a Ilha “perde a cara” da vila bucólica de antigamente, enquanto também vão se perdendo as caras conhecidas. Já não se reconhecem as pessoas do lugar, a maioria é de

fora. E alguns nativos que revelam uma maior percepção de todos esses acontecimentos, demonstram também certa revolta com esses “de fora” que, com o discurso da preservação, entram na Ilha:

*“As pessoas usam o meio ambiente com um interesse por trás. O morador que tem que tirar um galho do terreno e as pessoas de fora, que tem dinheiro, podem devastar um terreno inteiro e não são presas pelo Ibama.”*

(Nativa)

Mas, com o passar dos anos, alguns desses “outsiders” (ou “os de fora”) foram se tornando “estabelecidos”. Diferentemente do caso analisado por Elias e Scotson (2000), no Abraão os “outsiders” se tornam “estabelecidos” no sentido de tempo de moradia na Ilha (frequentadores antigos que já possuíam casa), e no sentido de tirar o seu sustento da Ilha (pessoas que vieram para trabalhar com turismo e ficaram morando e trabalhando ali). Assim, esses “outsiders” que se “transformaram” em “estabelecidos” já se tornam “confundíveis”, em determinados momentos, com os “nativos”. Esta última passa a ser uma categoria atribuída conforme o contexto de quem fala sobre quem, como mostra Prado (2002): “ ‘Ser da Ilha’ pode ser mencionado como uma forma de legitimação em certos contextos; por exemplo em reuniões públicas para tratar de assuntos de interesse coletivo, quando se poderá ouvir uma autoridade vinda de Angra dizer: ‘sou nascido na Ilha, minha família é ali do Saco do Céu’, ou ‘minha família vive aqui há mais de cem anos’. Do outro lado se poderá ouvir alguém como que se desculpando: ‘Eu não minto, nasci em Quintino’ e, sobre quem não tem a mesma sinceridade ‘Esse cara diz que é daqui, que quer defender os interesses da Ilha, mas é nada, é lá de Resende’. Assim, é quem se sente como sendo da Ilha que expressa em seu discurso os indicadores sobre os outros que não o seriam: ‘Uma gente que veio vindo, que não é da Ilha e vai ficando e que agora é a maioria – por isso que a Ilha mudou, por isso que a Ilha perdeu o jeito de Ilha’.” E entre essa “gente que veio vindo e foi ficando” estão inseridos os barqueiros.

Neste contexto, alguns temas são recorrentes em todo discurso dos que já estavam ali e dos que chegaram e ali se estabeleceram: o progresso, o presídio, o turismo e a tranquilidade. Há também as oposições entre aqueles que são de dentro e aqueles que são de fora, entre pesca e presídio, entre o antigo “clima amigável” e a atual

“ganância e destruição”. Como diz Prado (2002) “o turismo é a fonte disso tudo, é encarado de maneira ambígua, na medida em que, se de um lado a ele se atribui toda a mudança na vida local da qual as pessoas sentem falta, de outro lado é valorizado porque ‘trouxe emprego’”. Para se “defenderem” dessas enormes mudanças os locais “atacam” muitas vezes aqueles que vêm de fora, fazendo brincadeiras jocosas, como uma “releitura” da palavra “turista”, associando-o diretamente ao turismo de massa. Fazem uma equação direta desse “turista que incomoda” com uma pessoa sem educação, baderneira e de baixo poder aquisitivo:

*“Lá perto de casa tem 3 pousadas, outro dia um cara tava batendo panela 6h da manhã, aí eu falei: - pára com isso, favelado! Acho que ele me escutou e parou na mesma hora. Esse não é o turista, esse é o durista; o turista vem pra cá pra descansar, dormir até 10h da manhã e depois ir fazer passeio”*

(pescador local)

*“Os ‘duristas’ são pessoas que vêm para o Abraão, não gastam dinheiro, reclamam de tudo e ainda sujam e fazem badernas”.*

(barqueiro)

Ilha Grande, “um paraíso ecológico” – era essa a descrição da Ilha em diversos encartes turísticos que invadiram as agências de turismo depois da implosão do Presídio. Com o atual estado de conservação ambiental dos ecossistemas da ilha e a presença de Unidades de Conservação, pretendem alguns grupos que esse turismo seja o que se entende como: ecoturismo, que se opõe à idéia de turismo de massa e que se sustenta nas idéias de preservação do meio ambiente e da cultura local e de participação das comunidades locais nas atividades turísticas. Porém, não é esta a classificação que os barqueiros fazem do seu tipo de atividade turística. Apesar de sua consciência de “preservação”, eles não usam nem dominam essa concepção de ecoturismo. O “boom” turístico veio trazendo o “progresso” em termos de infra-estrutura - que já se mostra deficitária para a quantidade de turistas que a Ilha recebe a cada verão: luz, água encanada, pousadas, restaurantes, mais barcos, mais pessoas, oportunidades de se “ganhar a vida”. Porém, na visão de boa parte da população local, as conseqüências

negativas foram em igual ou maior proporção: poluição, mais lixo, mais “vícios”, como dizem alguns nativos acostumados a uma vida que consideravam mais tranqüila.

*“O melhor da Ilha é a paz que a gente ainda tem , porque a cidade grande está fugindo da criminalidade. O pior da Ilha são as pessoas que vieram pra cá pra não trabalhar, as pessoas que trouxeram as drogas... pessoas aqui da Ilha mesmo que tiveram problemas com drogas. As autoridades tinham que reconhecer as pessoas que entram aqui, identificar o que veio fazer, se tem lugar pra ficar e as pessoas que trazem outras deveriam se responsabilizar por quem traz.”*

(Nativo)

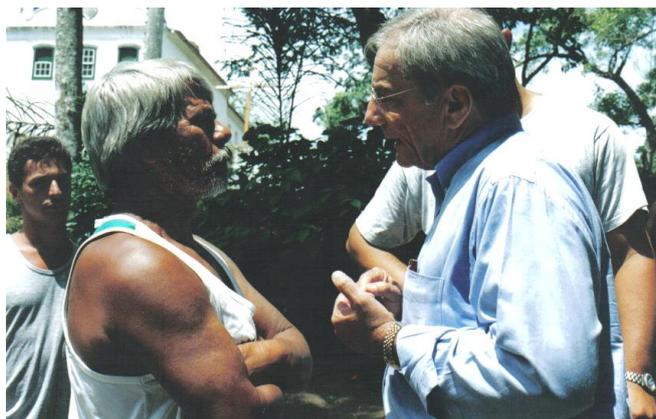
Assim foi se instituindo gradualmente com esse “progresso” uma separação invisível das pessoas que nasceram, que moram, que se estabilizam e que estão na Vila do Abraão: nativos (os de dentro) e as pessoas que não são reconhecidas como do lugar, os não-nativos (os de fora). É esta “classificação” às vezes visível, às vezes não, e muito variada, que rege grande parte das relações no Abraão (Prado, 2000). A partir dela são escolhidos e designados certos lugares sociais, de status ou confiança e, até mesmo, “aceitação” por certos tipos de comportamento social a determinadas pessoas.

Um episódio presenciado numa das datas comemorativas na Ilha foi bem ilustrativo dessa questão de “nativos *versus* não-nativos”. Trata-se da Festa de Santana, comemorada no dia 26 de julho de 2002.

Como manda a tradição, diversos barcos saíram do Abraão, lotados de devotos, se dirigindo à Freguesia de Santana, uma outra praia da ilha onde está localizada a igreja de Santana, a primeira construída na Ilha Grande. Lá chegando, logo após a celebração da missa, aconteceria a tradicional procissão saindo da igreja e seguindo a trilha lateral, que porém, se encontrava fechada pela empresa Boa



**Confronto entre todos os moradores, revoltados, e o representante da Boa Vista S/A. Este tentando, inutilmente, explicar o inexplicável.**



**Confronto entre um pescador nativo e o representante da empresa Boa Vista S/A em frente a igreja de Santana.**

Vista S/A, que se dizia proprietária das terras<sup>2</sup>. Depois de muitas discussões sobre quem detinha o poder ou não sobre as terras, a comunidade da Ilha ou Boa Vista S/A, a empresa permitiu a abertura do caminho e o acesso da procissão.

O que gostaria de ressaltar deste episódio é o “bate-boca” literal acontecido entre nativos e não-nativos sobre quem tem ou não direito sobre as terras da Ilha. Uma das principais e marcantes características da Ilha é esse constante cabo de guerra, essa disputa não só sobre territórios como também sobre espaços sociais, que é a base de todas as relações ali existentes. Esses espaços e essas relações territoriais e

sociais ficam bem marcados na Vila do Abraão através das demarcações/divisões conceituais comumente feitas por todos os grupos residentes no Abraão, com pequenas variações. Essas “demarcações” se baseiam em diversos quesitos entre os quais estão: a arquitetura, a organização, a intensidade de comércio e a frequência de pessoas. Assim o Abraão se divide em: Vila, Meio/Praça, Canto e Morro.

Do lado direito de quem chega ao cais principal (onde a Barca atraca), as casas são mais parecidas umas com as outras, padronizadas: feitas de madeira e/ou cimento e quase sempre de um pavimento, são aquelas que antigamente abrigavam os funcionários do presídio e hoje, ex-funcionários; neste lado é também onde se localizam a única escola pública, a Brigadeiro Nóbrega, o Corpo de Bombeiros, e o Departamento de Polícia (DPO). Há pouco movimento de pessoas (a não ser de passagem para a Praia Preta, para a cachoeira e outras trilhas) e pouco comércio.

É, também, o lado onde está a única quadra poliesportiva do Abraão, onde os moradores do lugar costumam organizar jogos esportivos. Este é o lado chamado de

---

<sup>2</sup> Fato esse já denunciado ao Ministério Público Federal pelo CODIG, desde novembro de 2001, e divulgado no jornal local *Bicho Verde*, porém nada tinha sido feito até aquela data.

*Vila* e que também corresponde ao lado onde a maioria dos barcos dos poucos pescadores que ali existem ficam atracados, onde eles fazem os consertos necessários e o lado que cabia ao estado administrar, estando atualmente a cargo da Prefeitura de Angra dos Reis.

Já do lado oposto, o esquerdo de quem chega ao cais, observa-se uma grande movimentação de pessoas, muito comércio – padaria, restaurante, mercado, bares, internet -, muitas construções e pousadas, a maioria de dois pavimentos, concentração de agências e ofertas de passeios de barco. É o lado onde se concentram os “barqueiros” e, ao mesmo tempo, é onde está localizada a Igreja Católica do Abraão, que é um símbolo de tradição no lado mais “agitado” da Vila. É o chamado *Meio/Praça* e cabe também à Prefeitura de Angra administrar este lado.

Há também o Canto, mais sossegado com muitas pousadas, normalmente de dois pavimentos e um único restaurante na beira da praia. Com a construção do novo cais (na altura do Bouganville – pequena área de shopping local) fica ainda mais clara essa divisão, pois exatamente a área entre os dois cais é que é chamada de *Meio/Praça* e a área à esquerda do novo cais é o chamado *Canto*.

O *Morro* é para onde foram os nativos que venderam suas terras do *Meio* e do *Canto*, à beira mar, para os não-nativos. Assim eles começam a construir suas casas em direção à floresta, subindo os morros. E começam os seus “puxadinhos”. (Ver Malbouisson, 2004).

*“Prejudicou um pouco a lei da cota 40<sup>3</sup> porque tirou terreno de muita gente”*

Nativo crente (evangélico)

---

<sup>3</sup> A cota 40 (a partir do nível do mar até 40 metros de altura), no caso do Abraão, é o limite oficial estipulado para se construir. Quem estivesse acima dos 40 metros permitidos, teria sua construção retirada.



**Abraão:**

**Vila - à direita do cais mostrado na figura.**

**Meio - à esquerda do cais até o Bouganville (pequena área de shopping local).**

**Canto - à esquerda do Bouganville.**

**Morro - parte verde escura do mapa.**

*“Vila – é aqui, no colégio, a Praça, o Centro – característica: bares, comércio e o Canto, o canto de lá, pousadas. E o Morro e as praias: da Frente, Preta, do Canto, da Julia e a Crena; Cachoeiras, Aqueduto, Lazareto, Casa de Cultura (Vila), e o Cais, barcas.”*

(Jovens, em sua maioria, nativos. Grupo focal realizado na Brigada Mirim Ecológica conforme Ranauro, 2004).

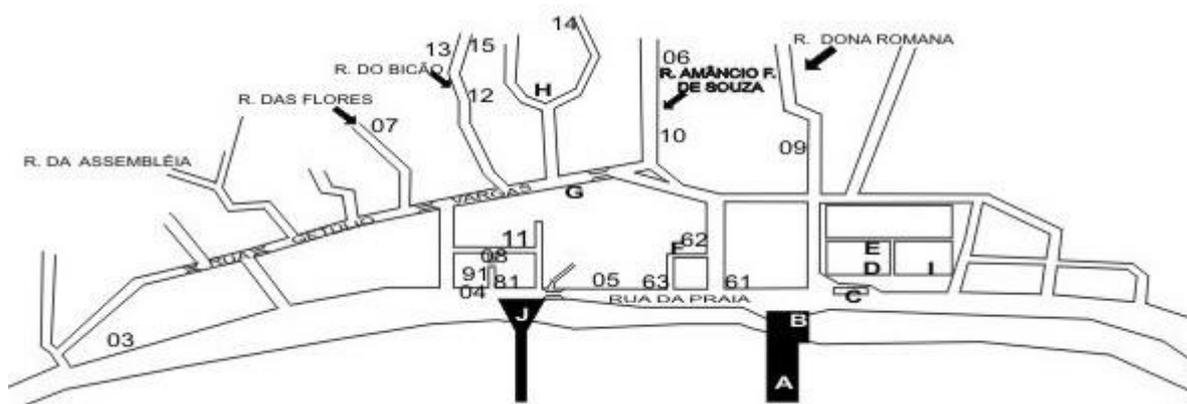
### 3. OS BARCOS NO CONTEXTO TURÍSTICO

No início do trabalho de campo, a observação da Vila e dos barcos foi essencial para uma aproximação maior com o universo dos barqueiros. Inicialmente acreditava existir uma correspondência entre o lugar onde os barcos eram atracados na praia e a quem eles pertenciam. Acreditava que o lado direito de quem chega ao antigo cais (A) era destinado somente à atracação e manutenção dos barcos dos pescadores e, conseqüentemente o lado esquerdo de quem chega ao cais seria destinado à atracação dos barcos dos “barqueiros”. Como uma verdadeira delimitação de espaços exclusivos.

Mas, ao longo do trabalho, a percepção foi tomando um outro rumo. Realmente, há uma predominância de barcos dos barqueiros do lado esquerdo do cais (A), mas não porque há uma divisão entre as áreas de barqueiros e pescadores, mas porque a área do lado esquerdo é a de maior visibilidade, de frente para a praça da igreja, onde há constante movimentação de pessoas e, principalmente turistas. Essa visibilidade é tanto para os barqueiros tomarem conta de seus barcos quanto para que os barcos sejam vistos pelos turistas passantes.

Além disso, o lado direito do cais (A) tem uma profundidade menor e, por isso o acesso de barcos maiores (as escunas de passeio) é mais difícil, predominando os barcos menores, como traineiras pequenas e as canoas dos pescadores.

Com a reconstrução do outro cais (J), em março de 2003, os barcos dos barqueiros continuaram sendo atracados entre os dois cais, mas concentraram o embarque e desembarque de passageiros no novo cais.



A - Cais da barca, B – AMHIG (Associação dos Meios de Hospedagem da Ilha Grande), J – Cais novo

## Os barcos e seus usos

Os principais tipos de barcos existentes no mar do Abraão são os saveiros, as traineiras e as lanchas. Os saveiros são mais usados nos passeios turísticos e em traslados *Angra-Ilha-Angra* ou *Ilha-Mangaratiba-Ilha*. As traineiras se revezam entre as pescarias e os passeios turísticos; elas se adequam às situações e aos donos, podendo tanto fazer passeios, quanto servir para as pescarias. As lanchas normalmente são de propriedade dos turistas que visitam a Ilha, mas, também são usadas em traslados entre as praias, os chamados “táxi boats”, além de fazerem passeios mais exclusivos e reservados para os turistas de maior poder aquisitivo.

- **Passeios** – Assim se designa o transporte de passageiros com finalidade turística, que é feito exclusivamente nos arredores da Ilha Grande. O número de passageiros varia muito, mas em geral exige-se um mínimo de 10 passageiros para que o barco saia. O passeio dura cerca de 5 horas.

A propaganda é feita em quadros negros escritos a giz e quadros com fotos dos destinos, ambos expostos no meio da rua. Descrevem o roteiro dos passeios ou são “gritados” no meio da rua para quem passa, descrevendo o roteiro e o preço dos passeios. Os passeios podem ser articulados com pousadas, com venda independente de passagens ou para grupos fechados.



**Propaganda e abordagem de passeio –O barco já está atracado bem à frente deste ponto só esperando os turistas.**

A abordagem é feita no meio da rua, onde os turistas estão passando. Soa como um convite, feito pelos próprios donos do barco, ou por seus tripulantes, ou pelos agenciadores.

- **Traslado** – É o transporte de passageiros tanto *ilha-continente-ilha*, quanto entre as praias da própria Ilha Grande.

A propaganda do traslado é realizada através de anúncios em quadros negros escritos a giz e expostos na rua e/ou nas portas das agências, além do aviso verbal gritado próximo ao cais, principalmente nos finais de semana<sup>4</sup>.



**Propaganda de traslado - porta da Pousada Água Viva, que possui uma escuna com mesmo nome e que faz traslados tanto para seus hóspedes quanto para os passantes, independente de agência.**

A abordagem para o traslado é feita entre as praias, sendo o próprio dono do barco que aborda os turistas perguntando se gostariam que ele os levasse à praia desejada ou, quando os turistas se encontram em outra praia que não o Abraão, perguntam se gostariam que ele os levasse de volta ao Abraão. Também acontece de o próprio turista pedir o “táxi boat”. Quando o traslado é *ilha-continente-ilha* é o próprio turista que aborda o vendedor de passagens a fim de comprar sua passagem.

---

<sup>4</sup> Quando a concorrência dos traslados com a Barcas S/A – empresa que tem a concessão para o transporte entre Mangaratiba, Abraão e Angra - é mais fortemente vista, já que, durante certo período, aos sábados e domingos, o preço da Barcas S/A quadruplicava.



Abordagem e propaganda de traslado – O “barqueiro” (de boné vermelho e talão de tíquetes na mão) aborda a turista passante (com malas).

- **Frete** – Trata-se do transporte de materiais como: areia, pedras e cimento para as obras e lojas; bebidas e alimentos para o comércio; eletrodomésticos para as pessoas. Enfim, é o transporte de tudo aquilo que não pode ser feito através da barca de Barcas S/A.

A propaganda do frete não é divulgada tão abertamente nas ruas, é uma transação mais pessoal, na qual se contrata um barco para fazer o serviço. Podendo o dono do barco aceitá-lo ou não.

## 4. CATEGORIAS FUNCIONAIS NO UNIVERSO DOS BARQUEIROS

Os “barqueiros” são um segmento novo e importante, uma das marcas do atual contexto do Abraão. O surgimento do segmento dos “barqueiros” se correlaciona com uma identidade que se refere a uma nova categoria profissional. Vários trabalhos apontam para a grande diversidade de atores sociais presentes no contexto do Abraão e seus respectivos valores e interesses, pelos quais entram em disputa. (Ver Malbouisson, 2004).

Torna-se relevante para a compreensão deste complexo universo dos barqueiros uma descrição de como eles se organizam dentro de sua atividade referida ao turismo. A caracterização funcional mostrada aqui é uma descrição das principais funções que eles mesmos se atribuíram e compreende um entendimento não só da hierarquia entre esses atores sociais, mas também da parceria entre eles. Poderemos perceber certa independência entre os principais atores deste universo, mas, apesar disso, todos estão interligados.

### Agências de passeio

Existem no Abraão 8 agências de passeios de barco<sup>5</sup>. São elas:

- *Corsário Negro* (desde 1992) - trabalha com 2 saveiros
- *Phoenix-Petra* (desde 1993) - trabalha com 1 saveiro (cadastrada na Embratur)
- *Santa Isabel* (desde 1994) - trabalha com 3 saveiros, 1 traineira e 2 lanchas
- *Velho Capitão* (desde 1997) - trabalha com 3 saveiros
- *ABIG - Associação dos Barqueiros da Ilha Grande*<sup>6</sup> (desde 1999) - trabalha com 9 saveiros e 3 lanchas
- *Bouganville* (desde 2000) - trabalha com 3 saveiros (os mesmos da Lagoa Azul) e 2 lanchas
- *Lagoa Azul* (desde 2002) - trabalha com 3 saveiros
- *Papyk* (desde 2002) - trabalha com 1 saveiro e 2 traineiras

---

<sup>5</sup> Estou usando os verbos no presente, mas se referem ao período da pesquisa de campo (julho de 2002). Hoje esta configuração já está diferente, algumas agências fecharam e outras muitas abriram, devido à grande fluidez desse mercado turístico.

<sup>6</sup> A ABIG funciona muito mais como uma agência comum, apesar de ser denominada Associação dos Barqueiros, pois não representa toda a categoria, tendo apenas um número não representativo e inconstante de associados.



**Agência de passeios Papyk – propaganda nas placas feitas com quadros escritos a giz; fotos das praias a serem visitadas; aluguel de pranchas, um apelo à prática do surf em Lopes Mendes, praia com que essa agência mais trabalha.**

Os barcos que trabalham com essas agências não são os mesmos sempre, não existem contratos ou qualquer exclusividade das agências com os donos dos barcos; o que existe são acordos e eles podem transitar entre as agências ou mesmo sair delas e trabalhar independentemente. Segundo os barqueiros, eles vão aonde houver melhores condições de trabalho e mais dinheiro.

Não se pode afirmar que somente esses barcos, ligados às agências, trabalham no Abraão. Não há um controle efetivo da quantidade e frequência de barcos transitando e explorando esse mercado dos passeios marítimos no Abraão. Há os barcos que independem de agências (às vezes entram nas agências, às vezes não) e trabalham por conta própria, normalmente traineiras ou barcos pequenos que pertencem a alguns dos antigos pescadores ou seus descendentes; ou ainda os que pertencem a donos de pousadas e que, além de fazerem passeios para essas pousadas, também trabalham em caráter particular para seus donos, fazendo ainda passeios e traslados independentes. Esses barcos fazem passeios com os turistas em três roteiros principais: Lagoa Azul a R\$25, Lagoa Verde a R\$30 e Lopes Mendes a R\$15<sup>7</sup>. Existem passeios também para Gruta do Acaiá, que é o local mais distante.

Como podemos ver nas fotos abaixo, normalmente as agências de passeio são “acopladas” a outros tipos de negócio, sempre de apoio ao turista.

---

<sup>7</sup> Esses preços também variaram muito durante a pesquisa (2001 a 2003) conforme as disputas entre os barqueiros. Esses são os preços mais altos que pude presenciar. O passeio para Lopes Mendes chegou a ser vendido por R\$5.



**Loja de souvenirs + Agência de passeios**



**Internet + agência de passeios**



**Pousada + agência de passeios**

### **Agenciadores**

Os agenciadores trabalham fazendo a mediação turista-pousada ou turista-passeio ou ainda pousada-passeio e também vendendo as passagens. Eles ficam sempre nas chegadas e saídas das barcas de Barcas S/A e na Rua da Praia todos os dias pela manhã para vender os passeios que saem por volta de 10 ou 11 horas.

## **Donos ou sócios de barcos**

Os donos ou sócios de barcos podem ou não trabalhar no barco e podem trabalhar de vez em quando. Quando não trabalham diretamente com o barco, às vezes não são nem considerados barqueiros.

## **Tripulação**

Mestres e marinheiros. Ambos devem ter carteiras próprias atestadas pela Marinha<sup>8</sup>. Para cada barco é necessário um mestre e pelo menos um marinheiro. Os tripulantes não são donos de barco, e talvez por isso esta seja a atividade mais fluida dentre todas as outras, em termos de que a maioria dos tripulantes não possui nenhum vínculo definitivo, ou como proprietários do barco ou como “embarcados” (carteira assinada), por isso podem facilmente mudar de barco ou função. Normalmente a tripulação não permanece muito tempo trabalhando no mesmo barco, está sempre mudando. Aqueles que permanecem é porque possuem carteira assinada (“estão embarcados”), o que é raro.

## **ABIG (Associação de Barqueiros da Ilha Grande)**

Há um quiosque de venda de passagens da ABIG para passeios e informações turísticas sobre os roteiros na Rua da Praia quase na entrada do cais principal<sup>9</sup> (onde as barcas de Barcas S.A. que vêm do continente atracam). Trabalha com um número de barcos cadastrados, que varia de quantidade conforme a época e trabalha num sistema de rodízio. Quando o número de passagens vendidas não chega ao mínimo (10) para que o barco saia, esses passageiros são passados a outros barcos que não pertencem à

---

<sup>8</sup> Carteira de habilitação náutica -Obrigatória para condução de embarcações de lazer em águas brasileiras.(Lei Federal 9.537/97).Para pilotar qualquer tipo de embarcação a motor e a vela, a Marinha exige uma carteira de habilitação. As provas são realizadas nas Capitânicas dos Portos de seu Estado, aplicadas pela Marinha. Existem habilitações, nas seguintes categorias: Capitão-Amador - apto para conduzir embarcações entre portos nacionais e estrangeiros, sem limite de afastamento da costa. Mestre-Amador - apto para conduzir embarcações entre portos nacionais e estrangeiros nos limites da navegação costeira. Arrais-Amador - apto para conduzir embarcações nos limites da navegação interior. Motonauta - apto para conduzir JET-SKI nos limites da navegação interior. Veleiro - apto para conduzir embarcações a vela sem propulsão.

No Abraão apenas dois barqueiros possuíam a carteira de Mestre Amador, todos os outros possuíam carteira de Arrais Amador, esta última permite a navegação apenas na parte da Ilha voltada para o continente, ou seja, na baía. Porém alguns barqueiros se arriscavam a navegar no “lado de fora”.

<sup>9</sup> Em 2002 foi construído um outro cais, ao lado esquerdo do original. Este segundo cais destina-se somente a passeios marítimos. A obra não foi bem executada, tanto que o chão do novo cais simplesmente afundou algumas semanas depois de inaugurado e teve que ser reconstruído.

agência, sendo esta escolha normalmente para barcos de amigos ou barqueiros que “se dão bem”.

A ABIG é uma instituição que provoca divergência de opiniões entre os barqueiros. Uns a acham desorganizada:

*“Eu tenho uma visão de empresário e todo empresário quer ter sucesso e você não pode ter isso num lugar que todo mundo quer se comer entre si. Eles brigam entre si e por isso não podem se ajudar. O que eu vejo ali é isso, muita briguinha entre si e isso dá margem pra outras pessoas fazerem melhor.”*

(barqueiro-“baiano”)



*“A Ilha é desorganizada, na ABIG, nas pousadas...”;*  
*“Os barqueiros falam mal um do outro”;*  
*“Fizemos (ABIG e algumas agências) um acordo de mesmo preço e não (as agências) cumpriram”*  
(“barqueiro”, membro da ABIG)

**ABIG – Este quiosque é o ponto de vendas das passagens. Nota-se a presença de placas mais “profissionais” (amarelas), mas também o “tradicional” quadro a giz.**

E outros, normalmente os associados, acham que todos deveriam se unir e se associar à ABIG para que tivessem mais organização e força. “A ABIG é uma piada”, porque a quantidade de sócios é irrisória e por isso é alvo de críticas. Como uma associação de barqueiros que se propõe representar a maioria desta classe, pode ter apenas de 4 a 9 barcos associados num universo de aproximadamente 70 barcos<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Contagem feita em agosto de 2002. Não necessariamente todos estes barcos participam do mercado de passeios vendidos na praça principal do Abrão. Muitos deles são barcos de particulares e/ou barcos de pousadas e veranistas.

*“Eu acho que é uma boa associação, mas aquilo ali é uma máfia, dão mais preferência para barcos grandes. Ninguém se une na associação, já ocorreram vários ‘quebra-paus’”.*

(barqueiro “barqueiro”)

As funções/categorias acima apresentadas se sobrepõem, pois existem donos de agências que são donos dos barcos e trabalham como marinheiros em seus barcos; existem sócios em que um é o majoritário e o outro, além de ter uma parte do barco, também trabalha nele como tripulante; existem os vendedores/agenciadores que, além de venderem os passeios aos turistas, quando é preciso, também saem como tripulantes; existem os vendedores/agenciadores que são donos do barco e também tripulantes; e existem aqueles que acumulam as quatro funções. Enfim, não é possível demarcar exatamente quem é o quê; todos fazem um pouco de tudo, e estas funções se modificam com o passar do tempo.

*“Cheguei aqui em 2000, trabalhando com ele (um amigo que já estava há algum tempo na Ilha). Vendi cerveja à noite, capinei terrenos, jardins. Fiquei morando lá na casa dele, em cima do morro. Mas não teve jeito, vi que meu negócio era lidar como público. Fiquei agenciando pousadas, identificava o estilo e a condição financeira do turista. Depois fui trabalhar com barcos, vendendo para o Vitória Régia (barco) e ganhava 10% em cima de cada passagem vendida. Na época eram 5 agências. No verão de 2001, eu trabalhei com barcos pequenos, vendendo só pra eles. E no inverno eu fui trabalhar de garçom na pizzaria Resta1. Porque me disseram que não era suficiente o passeio de barco na baixa. Trabalhei no Pingo Verde (barco), simultaneamente eu vendia passagem e saía nos passeios como guia porque pouca gente fala inglês. Depois fui pra Lagoa Azul (agência), e depois pro Velho Capitão (agência) e depois pro Papyk (agência). Fui sócio do Papyk 1 (barco), eu tinha um percentual de 30%, depois que saí do Papyk (agência) comprei metade de um barco com o F. comecei a trabalhar sozinho no barco, principalmente com pousada.(...) Aluguei esse ponto pra fazer a agência aqui “Mar de Ilha Grande”.*

(barqueiro “barqueiro”)

Esta fala mostra a grande fluidez da condição de barqueiro, tanto em sua própria atividade, como nas que algumas vezes tem que desempenhar para sobreviver na baixa temporada da Ilha, onde os passeios não são muito procurados.

Entrevistando um rapaz que trabalhava numa pousada e se preparava para ingressar neste universo dos passeios de barco, montando uma agência em frente a sua pousada, ele declarou:

*“Quando cheguei aqui até comecei a trabalhar com barco, mas vi que trabalhando com barco eu não ia ter o meu próprio barco, aí resolvi correr por fora trabalhando com pousada (da tia). Agora eu tô preparado, eu já conheço a malandragem. Eu tenho muitos amigos e sei que vou ter inimigos, e as amizades podem ser prejudicadas porque envolve dinheiro, mas isso não me incomoda.”*

E ainda comenta de um fato recorrente na Ilha, não só no grupo dos barqueiros:

*“É difícil contratar um barqueiro que não esteja envolvido com bebidas e com drogas. Eu sei sorte, eu consegui uma boa tripulação: um é crente<sup>11</sup> e o outro bebe, mas ‘na boa’”.*

Com esses exemplos percebemos, mais uma vez, o quanto são fluidas as atividades profissionais na Ilha, principalmente neste grupo social dos barqueiros. Eles não se especializam em uma só função, como procuram fazer alguns profissionais dos grandes centros. Mas, ao contrário, é bom que se entenda de tudo um pouco (mestre, tripulante, agenciador, recepcionista, guia...) para que se tenham cada vez mais oportunidades de trabalho na Ilha.

---

<sup>11</sup> Os evangélicos, chamados comumente de “crentes”, tem maior credibilidade em relação ao não envolvimento com bebidas e drogas, justamente porque a religião condena esse tipo de comportamento. Mas no Abraão, o termo crente toma ainda um outro significado: o ser crente é também uma forma de ser reconhecido como nativo. Ver “Crete: uma forma de ser nativo” – Estudo sobre um significado de pertencimento religioso. (Prado 2002).

## 5. CARACTERIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÕES DE “BARQUEIRO”

### 5.1 - Questão de Gênero

A partir da pesquisa sobre a identidade dos barqueiros apresentou-se também uma questão de gênero, já que a maioria esmagadora dos “barqueiros” é de homens e poucas mulheres participam deste universo ativamente, ou seja, nas funções de mestre ou tripulante dos barcos. As mulheres que aí encontrei são as mulheres, as namoradas, as filhas deles, que trabalham ou não nas agências de barco vendendo as passagens e fazendo a propaganda nas ruas, funções em que não permanecem por muito tempo, na medida em que elas também têm grande rotatividade de função, assim como o resto dos barqueiros.

Sendo uma jovem pesquisadora, deparei-me muitas vezes com esta barreira da diferença de sexo entre mim e a grande maioria dos meus entrevistados. Essa diferença contribuía às vezes de forma negativa e às vezes de forma positiva. A aproximação era mais facilitada, no sentido de marcar um “encontro” para a entrevista. Já durante a entrevista, alguns não se sentiam tão à vontade para falar de seu cotidiano e de sua vida de forma geral; faziam perguntas desconfiadas, tentando saber pra onde iriam aquelas respostas, se eu já havia feito a entrevista com outros barqueiros ou se ele era o primeiro, etc. Isso fazia alguma diferença, alguns não queriam falar primeiro que os outros.

Já outros se sentiam tão à vontade que, além de falarem sobre seu cotidiano e sua rotina como barqueiros, emendavam a conversa na vida familiar, na insatisfação conjugal que tinham ou tiveram e, algumas vezes, até nas traições conjugais que já haviam cometido. Alguns falavam também da solidão que sentiam, que não conseguiam “arrumar uma pessoa” com a qual pudessem ou conseguissem viver, já direcionando a conversa para um interesse na mulher e não na pesquisadora.

A partir dessa percepção de um mundo quase exclusivo de homens, colocou-se a questão do porquê não havia muitas mulheres nesse “mundo dos barqueiros”. E as que estavam presentes de alguma forma, não tinham uma nomenclatura específica como “barqueira”, e suas funções se limitavam a permanecer na Ilha, ou a vender passagens nas agências, ou trabalhando como agenciadores. Quando questionados sobre esse fato de não existirem tantas mulheres neste meio as respostas vinham:

*“No verão tem mais mulheres trabalhando como marinheiras nos barcos de passeio”.*

(barqueiro “barqueiro”)

*“Mulher eu acho que não gosta muito do mar... as únicas que eu conheço são o pessoal do Papyk e o do Mar de Lopes. A dona I. do C. do Cajaíba tem carteira e trabalha no verão”.*

(barqueiro “nativo”)

*“O serviço é mais bruto, é mais pra homem e esse tipo de trabalho exige força.”*

(barqueiro “barqueiro”)

Porém, já no fim da pesquisa, notou-se uma participação um pouco maior das mulheres, como tripulantes e, inclusive, uma como presidente da ABIG (Associação de Barqueiros da Ilha Grande).

Reconhecido esse aspecto fundamental de tal universo, no sentido de ele ser avassaladoramente masculino, pôde-se perceber três grandes subclassificações, que veremos a seguir.

## **5.2 - Classificações locais de “barqueiro”**

Essas classificações transitam dentro das funções/categorias já citadas (agências, agenciadores, donos ou sócios de barcos, tripulação e ABIG). Foram identificados três grupos principais:

### Barqueiros “nativos”

Estes andam, quase sempre, apenas com bermudas “surradas”, a maioria foi pescador ou é parente de pescador, muitos consomem bebidas alcoólicas e alguns são crentes. Grande parte deles é empregado daqueles que vieram de fora, pouquíssimos possuem saveiro próprio. Às vezes possuem um barco pequeno para uso próprio e na atividade. Um dos entrevistados depois de passar por funções como de marinheiro particular, pedreiro e etc. conseguiu comprar uma lancha e, agora trabalha por conta própria:

*“Eu não atendo, não trabalho com esses farofeiros que o pessoal de saveiro trabalha não”.*

Os barqueiros “nativos” têm grande desconfiança com os “garotões” por fazerem uma associação direta destes com o consumo da maconha:

*“Cuidado, se você começar a andar com esse pessoal (barqueiros ‘garotões’), os homens (policiais) já vão ficar de olho em você”.*

### Barqueiros “baianos”

Em horário de trabalho normalmente estão com uma camisa padrão, tipo uniforme. São os “de fora” mais recentes na atividade; segundo eles próprios, possuem mais profissionalismo para tratar com o público e assim se referem aos nativos:



*“Eles transportam o turista e não passeiam com o turista. Para trabalhar com turismo tem que ser educado”.*

Opinião dos barqueiros-baianos sobre o local:

*“Sou contra o que o A. disse de eu não poder vender barcos aqui. A Ilha é de todos e eu sou brasileiro!”*

Algo importante a ressaltar é que o grupo dos “baianos” não tem interesse e nem desejo de se estabilizar como moradores fixos da Ilha. Normalmente as famílias estão na Bahia e eles mandam o dinheiro que ganham na Ilha para lá. Às vezes trazem os próprios parentes da Bahia pra trabalharem com eles aqui:

*“Trago qualquer um que queira trabalhar da Bahia, meus dois irmãos. Não tenho nada contra o pessoal daqui. Eu não vou dizer que eles não querem trabalhar, mas... Aqui tem bons*

*profissionais, mas a maioria... Trabalho com o pessoal de lá porque é ‘pau-mandado’”.*

Um deles me disse que não ia trazer a família para a Ilha porque tinha medo de ameaças dos outros barqueiros:

*“Tenho mulher e dois filhos. Não trago eles pra cá porque é perigoso, eles (os outros barqueiros) já pegaram meu irmão na porrada e já tentaram me pegar. Pra mexer com o meu filho é melhor me dar um tiro logo”.*

### Barqueiros “barqueiros” (“garotões”)

A nomenclatura dos dois primeiros grupos é comumente utilizada pelas pessoas da Ilha, porém neste grupo percebi que eram apenas chamados de “barqueiros”, não havia outra denominação usada que não a de simplesmente “barqueiro”. Normalmente têm escolaridade entre o segundo e o terceiro graus. São os de fora, (não-baianos) de alguma forma, ou turistas que acabaram se tornando residentes (mais de 2 anos morando na Ilha<sup>12</sup>).

Vestem-se com bermudões no estilo surfista, com ou sem camisa, óculos escuros, de chinelos ou descalços, muitos são usuários de maconha e “curtem a natureza”. A palavra de ordem deste grupo parece ser: “trabalho com curtição”. Por causa dessa aparência jovial, apesar de alguns não serem mais tão jovens, este grupo tem um “ar de garotões”. Alguns utilizam a internet para colocar propagandas dos seus barcos ou dos barcos em que trabalham, têm uma boa percepção de que a Ilha Grande faz parte de um sistema maior, “universalizado”:

*“O mínimo que a Associação (ABIG) tinha que ter era um guia em inglês. E aqui tem muita gente de fora que fala inglês. E o comércio que tem gente que fala inglês tem mais movimento”.*

(“barqueiro”)

---

<sup>12</sup> Entretanto, muitos jovens recém-chegados de fora se enquadram no perfil deste segmento, e conseqüentemente, se integram ao grupo o que os aproxima da atividade com barcos.

(Sobre poluição no mar) *“A conscientização das pessoas melhoraria. Não vejo interesse de órgãos em fazerem a conscientização. Esse pessoal passa uma hora e meia na barca e eu não vejo uns vídeos educativos...”*

(“barqueiro”)

Esses “garotões” são o grupo de maior visibilidade, por isso acabam englobando a imagem dos outros tipos, que não são tão marcantes e visíveis – o que parece justificar o fato de que são exatamente estes os que são designados como “barqueiro”. Também reconhecem em seu grupo uma coesão, uma união que os diferencia dos “nativos” e dos “baianos.”

*“Entre os barqueiros não tem muito esse clima de amizade, é mais falsidade. Mas nós que somos de fora somos mais unidos do que o pessoal daqui e os baianos. A gente tem uma rixa com os baianos”*

(“barqueiro”)



Estes barqueiros “barqueiros” são representantes de uma imagem da Ilha que repercute para certo segmento de turista – sol, praia, surfistas, gatinhas, noitadas, bermudão, maconha, forró – apesar disso, a população local não os reconhece como representantes da

imagem que a Ilha tem para determinados tipos de turistas. Para a comunidade local os barqueiros são:

*“- Um pessoal bagunceiro e maconheiro, que um dia vai embora”.*

(nativo)

O fluxo de pessoas de fora chegando, ficando e saindo nunca acaba. Para a comunidade eles representam o que vem de fora. Os barqueiros “barqueiros” nunca serão do lugar.

Podemos perceber também uma oposição entre o grupo destes barqueiros “barqueiros” e os policiais do DPO, que em sua maioria são filhos de nativos ou de ex-funcionários do Presídio. Os policiais, além de outras, têm a responsabilidade pela fiscalização e controle do consumo de entorpecentes. No Abraão os entorpecentes se resumem à maconha, portanto os policiais estão sempre revistando e fiscalizando aqueles que podem estar consumindo maconha – turistas ou não – tentando conseguir os famosos “flagrantes”. E, como o grupo dos “garotões” tem o estigma de consumir a droga, os policiais têm uma atenção especial com eles, que se sentem “perseguidos”:

*“Como mudou a diretoria do DPO, eles fazem a maior pressão em cima da gente, achando que a gente tem culpa de estarem trazendo essas pessoas pra fumar maconha”.*

*“A prancha de surf é um sinal, o surfista é discriminado. Os surfistas é que salvam as pessoas lá em Lopes Mendes. A gente já fez um protesto pra ter um salva-vidas em Lopes Mendes, mas eles (DPO) alegam que é APA (Área de Proteção Ambiental) e não pode ter ninguém na praia”.*

Diferentemente dos barqueiros “baianos”, os “garotões”, designados como barqueiros, têm um interesse de se estabelecer na Ilha, procuram alugar casas, normalmente deixaram alguma faculdade pra trás ou vieram mesmo “ganhar a vida” na Ilha. Investem em moradia, comida, roupas.

*“O que eu ganho na Ilha, gasto na Ilha”.*

*“Quem tá aqui na Ilha é pra encarar o tempo bom e o tempo ruim, diferente daqueles que vem pra cá só no verão”*

Mas um fator que parecem ter em comum os “baianos” e os “barqueiros” é a opinião sobre a capacidade profissional do nativo da Ilha. Eles fazem uma equação em relação aos “não-nativos” (eles próprios) e os “nativos”: Colocam-se como profissionais

do turismo e os “nativos” como “atrasados”, “limitados”, “retrógrados” ou não-profissionais:

*“Se você for entrevistar uma pessoa mais antiga, vai ser diferente das idéias que eu tenho, porque eles são mais limitados”*

(barqueiro “baiano”)

*“Acho que os nativos não pensam em crescer. Enquanto eles estavam ganhando dinheiro<sup>13</sup>, eles não queriam se organizar.”*

(barqueiro “barqueiro”)

*“Para os nativos aqui da Ilha eles acham que tratar bem o turista é só dar um ‘bom dia’, mas pra gente é explicar para que serve um salva-vidas”*

(barqueiro “barqueiro”)

### **5.3 - Barqueiros e pescadores:**

É preciso atentar para o conceito de “barqueiro” em oposição ao conceito de “pescador”, não só pela contrastividade que marca as duas identidades, mas também, no sentido da passagem de um tipo de atividade para outro em função do crescimento do turismo. Maldonado (1986) aponta que, dependendo da forma como o meio marítimo é explorado, surgem percepções específicas do significado do mar e do trabalho na pesca, que se traduzem em comportamentos distintos com relação à natureza (Adams, 2000). Assim, podemos perceber a forma diferenciada como pescadores e barqueiros se sentem em relação à natureza e a sua relação como o mar como forma de sustento:

Pescador tem uma ligação com a natureza. É dela que vem o seu ganho. O pescador aprendeu com seu pai quando deve ou não entrar no mar, quando é melhor pescar com rede ou anzol o peixe que consome junto com sua família e que vende na praça.

Barqueiro tem uma atração pela natureza, que, além de admirada, está intrinsecamente ligada ao produto negociado, que são os passeios e outras

---

<sup>13</sup> Ele se refere à época em que o turismo na Ilha Grande ainda não era tão disseminado. Já existia um fluxo baixo de turistas, mas os únicos a atendê-los com transporte turístico eram os moradores.

atividades via barco, que também representam o sustento, o produto que ele vende.

A atual dinâmica da atividade ligada ao mar advinda do crescimento do turismo, fez com que alguns pescadores sentissem a necessidade de também participar desse mercado turístico de passeios e traslados de barco. Por força da adaptação ao universo turístico que tomava a Ilha Grande, começaram a adaptar seus barcos aos passeios turísticos passando da condição de pescadores artesanais (pesca, como fonte de renda e de subsistência) para a condição de “barqueiros” do turismo, (passeios e traslados, como fonte de renda).

Assim, os primeiros “barqueiros” foram, na verdade os “pescadores barqueiros”. Mas não se tornaram necessariamente barqueiros aos olhos daqueles que vieram depois (“garotões” e baianos) por não terem, segundo estes, o preparo necessário para lidar com o turista. Com isso acabou se construindo uma equação feita dentro do grupo dos barqueiros entre a figura do “pescador barqueiro” e a figura do nativo, colocando-os como uma só figura, que hoje são chamados pelo próprio grupo de “os nativos”, que será explicada mais adiante.

*"Barqueiro é aquele que gosta de fazer passeio, eu sou pescador, não gosto de fazer passeio. Quando é mestre, é profissional, barqueiro não é profissão. Geralmente no verão eu faço passeio, mas não gosto, não sei nem fazer preço de passeio".*

(Pescador)

*"Me considero barqueiro, já que estou nisso há 4 anos. Não considero o pescador um barqueiro. O que faz a diferença é a atenção que você vai dar no passeio; eles, até por serem sem cultura, não têm isso".*

(Barqueiro)

*"Me considero. Barqueiro é a pessoa que lida com o mar, vive do mar, profissional habilitado, porque o mar não é brincadeira. É diferente de pescador que é mais brutal, mais matuto. No turismo não... tem é que saber falar. Uma das pessoas que mais*

*suja o mar é pescador que não leva saco de lixo, pescador e turista.  
O barqueiro tem essa preocupação: não deixa o turista jogar lixo”*

(Barqueiro)

Através dessas falas percebe-se uma visão comum entre uma parte dos barqueiros, que tem a ver com uma questão muito presente no contexto da Vila do Abraão relacionada com as disputas em torno do turismo, no sentido de que o barqueiro acha que o pescador não tem o "profissionalismo" necessário para fazer passeio, não sabe lidar, conversar com os turistas como ele, o barqueiro, sabe. Dessa perspectiva, o eixo-valor que orienta essa distinção entre barqueiros e pescadores é o “profissionalismo” referente ao turismo.

A chegada e consolidação do segmento dos barqueiros-barqueiros, que nos seus primórdios eram turistas que já conheciam a Ilha e se identificavam com o perfil “praia, sol e mar”, deu-se de forma gradual, não sendo possível precisar quando começou este movimento. Alguns já possuíam casa na Ilha e um dia decidiram ficar e trabalhar. Logo depois, ou ao mesmo tempo, chegam os “baianos”, com seu “know how turístico” percebendo o potencial financeiro e a “carência de pessoal preparado para tratar o turista” no Abraão.

Algo que parece consensual na identificação dos que se consideram e são considerados barqueiros é o fato de, de uma forma ou de outra, terem um contato direto com os turistas, que pode ser freqüente ou raramente. Mas quando este contato - "homem do mar" e turista - acontece, se reconhece a figura do barqueiro.

O conceito de “barqueiro”, só surgiu com a explosão turística após a implosão do Presídio. Não que antes não existissem pessoas que teriam as mesmas funções dos barqueiros, como o transporte entre as praias da Ilha e o continente, mas o conceito e a nomenclatura “barqueiro” surgem apenas depois de 1994, associando a figura do barqueiro diretamente ao turismo.

“Visualmente” os “barqueiros” são, predominantemente, do sexo masculino com faixa etária entre 20 e 50 anos.

Como uma ilustração das distinções entre pescadores e barqueiros, pode-se considerar o caso da procissão marítima de São Pedro. Normalmente ela acontece próximo ao dia do santo, 29 de junho, e a maioria dos barcos que participam é dos “barqueiros-nativos” ou de seus filhos e dos pescadores. Costumam participar em maior

número os pescadores nativos mais antigos, os nativos e filhos de nativos. Em número menor os mais jovens e os não-nativos.

Todos os barcos são enfeitados com bandeirinhas coloridas e folhas de palmeira, as ruas da praça também são enfeitadas com ramos de bambu. Todas as imagens dos santos são retiradas da igreja e algumas são colocadas em andores, já outras são levadas nos braços dos fiéis, normalmente os mais antigos moradores. As imagens são embarcadas cada uma em um barco. A imagem de São Pedro, sempre vai num barco de pescador nativo e os outros vão se distribuindo por entre os barcos participantes da procissão, preferencialmente os barcos de nativos ou de filhos de nativos.

Os mais jovens, inclusive barqueiros, que participam têm um “espírito festeiro”, não voltado para o lado religioso da procissão. Diferentemente daqueles que carregam as imagens nos barcos, normalmente nativos, que se mostram contritos e em oração.



As imagens sendo retiradas da igreja e colocadas em andores.

Os andores vão se posicionando um atrás do outro para formar a procissão. Na frente, é claro, vai São Pedro.



Andor de São João Batista. A procissão faz uma parte do percurso em terra. Os devotos de cada santo fazem questão de carregar o andor de seu "protetor".

Os santos são embarcados e cada participante escolhe o barco em que estiver o seu santo "protetor" ou o barco onde estiver o santo com o qual tem "maior afinidade"





**O pescador vai em sua canoa ao lado dos saveiros, de maior porte. Há espaço para todos.**

**Tanto as embarcações de pescadores quanto todas as que quiserem, participam da Procissão a São Pedro.**



**Os moradores mais antigos ou nativos costumam carregar as imagens dos santos que vão um em cada barco.**

**A tradicional decoração é feita com bandeirinhas coloridas e folhas de palmeira em todos os barcos**



*“São Pedro vai sempre em barco de pescador”*

(pescador)

*“Eu participo da procissão marítima porque a gente aluga, por questões financeiras”*

(barqueiro “baiano”)

## 6. A QUESTÃO DOS PREÇOS E A GERAÇÃO DE CONFLITOS

A disputa - de visões e interesses em relação ao turismo - dos diversos grupos que coexistem no Abraão é bastante visível no segmento dos barqueiros, o que é ilustrado pelo fato desse grupo ser “famoso” por suas brigas para manter competitivos os preços dos passeios de barco.

Há uma interação conflituosa entre esses subgrupos, que gira em torno do eixo turístico e econômico. Turístico porque esses conflitos são sazonais, se intensificam no verão e nas ocasiões de pico (feriados), quando há maior procura dos turistas pela Ilha Grande e porque é diretamente ligado à atividade turística de passeios de barco. E econômico porque gira em torno dos preços estipulados para cada passeio de barco. Portanto, podemos fazer a seguinte equação:

- > Barcos grandes (cabem mais passageiros) = preço mais baixo por pessoa = alta procura pelos turistas
- > Barcos pequenos (cabem menos passageiros) = preço mais alto por pessoa = baixa procura pelos turistas

*“Onde houver dinheiro não tem amigo... tem amigo de copo. Tem gente aqui que se fala de educação, mas se pudesse se comia”.*

(“barqueiro” barqueiro)

Os acordos de preços estipulados para os passeios se tornam uma forma deles entrarem em harmonia/acordo, mas com a chegada do verão e da alta temporada, chegam também os turistas e é o momento de ganharem, aproveitarem para acumular dinheiro para passar a escassez da baixa temporada. E como a quantidade de barcos disputando entre si é grande, algumas pessoas ou grupos quebram o acordo de (todos com) “mesmo preço” anteriormente firmado com os demais, podendo até colocar a segurança de seus passageiros em risco quando a lotação máxima do barco não é respeitada. E assim surgem os conflitos. Querem ocupar o melhor lugar na praça, “roubar” os passageiros uns dos outros, etc.

*“Na verdade eles querem formar um cartel aqui. Eles não podem exigir o mesmo preço. A ABIG tem que ter o seu preço e as*

*agências, cada um faz o seu... esse negócio de um preço só eu acho errado, mas também não pode ser tão baixo quanto o C. faz, porque ele tem barco grande e pode fazer preço baixo. Foi o C. que começou com isso.”*

(barqueiro “nativo”)

Os barcos que fazem passeios com os turistas têm três roteiros principais: Lagoa Azul a R\$25, Lagoa Verde a R\$30 e Lopes Mendes a R\$15<sup>14</sup>. Através de entrevistas feitas com barqueiros e da ida a uma das reuniões convocadas pela ABIG, pude perceber que estes preços são uma fonte de discussões constantes entre os barqueiros, que tentam mantê-los na baixa e alta temporadas<sup>15</sup>, sem sucesso. Os preços variam muito; um roteiro de passeio que o grupo da associação de barqueiros normalmente estipula em R\$ 15 (Lopes Mendes) às vezes pode ser visto sendo vendido até a R\$ 7; ou um outro roteiro que seria R\$ 30 é visto até por R\$15 dependendo do movimento de turistas e do jogo de interesses/lucro dos barqueiros.

O segmento dos barqueiros é, esporadicamente, manchete de jornais, principalmente na alta temporada, quando a Ilha fica abarrotada de turistas e quando as brigas entre eles por causa dos preços dos passeios são mais freqüentes, como se vê no Jornal "A Cidade" (Angra dos Reis) de 18/1/02:

*“Violência de barqueiros assusta turistas na Ilha Grande.*

*No dia 8/1/02 (terça-feira) no Cais da Vila do Abraão, envolvendo barqueiros, agentes de turismo, cerca de 70 turistas e a PM. Os turistas foram impedidos por agentes e barqueiros de deixar o cais nos saveiros que estavam mais baratos que os outros que atuam no local.*

*‘Pingo Verde’, ‘Queen Tereza’, ‘Andréa’, ‘Janete’, ‘Abraão’, e ‘Cajaíba’ fizeram um cerco para impedir a saída dos saveiros ‘Fênix’ e ‘Petra’ de propriedade de Edson Couto Sodré, 35, que praticava preços menores nos passeios à Lagoa Verde (R\$ 12) e a Lagoa Azul (R\$ 10). O ‘Petra’ escapou, mas o ‘Fênix’ não, cortaram os cabos do leme para o barco ficar à deriva.*

*César Ramos – vice-presidente da ABIG – apoiou a manifestação alegando que Edson havia quebrado um acordo entre barqueiros de que só ofereciam frutas como*

---

<sup>14</sup> Estou usando os verbos no presente, mas se referem ao período da pesquisa de campo (2002). Assim como os preços dos passeios aqui descritos.

<sup>15</sup> Alta temporada vai de dezembro a março.

*cortesia dentro dos saveiros de passeio e Edson oferecia canapés e equipamentos de mergulho”.*

Segundo muitos barqueiros, a concorrência é desleal, sendo o maior exemplo o do barqueiro/dono da agência Santa Isabel, que possui muitos barcos próprios e dentre eles o Rei Tomás, o maior do Abraão<sup>16</sup>, que abaixa tanto o preço dos passeios (chega a fazer dois dos três roteiros principais por R\$ 15 e alguns passeios por R\$ 10), que os concorrentes não conseguem acompanhar.

Há também uma questão com relação aos traslados. Originalmente a CONERJ, e atualmente a Barcas S.A., tem a concessão das linhas *Mangaratiba-Abraão-Angra*; mas existem muitos barcos que trabalham no Abraão que fazem esses traslados, especialmente nos finais de semana, inclusive no mesmo horário das Barcas, só que pela metade do preço, o que a empresa diz acarretar prejuízos.

Em 2003 a ABIG - Associação de Barqueiros da Ilha Grande - passou a ser presidida por duas mulheres, presença rara alguns meses antes. A nova presidente não tinha maiores intimidades com o trabalho nos barcos, apesar de seu marido possuir um. Acabou entrando no meio dos barqueiros porque o antigo presidente a convidou para, a princípio, vender passagens na cabine da ABIG.

No verão de 2003 foram abertas duas novas agências de passeio de barco: Uma delas é do mesmo gerente da pousada Farol dos Borbas e a outra está localizada bem em frente à outra tradicional agência, a Santa Isabel, sendo que a primeira oferece também acesso à internet.

Em janeiro de 2003, ocorreu uma outra confusão, que chegou às vias de fato. Um grupo de barqueiros “barqueiro” insatisfeito se uniu para “tirar satisfações” com um barqueiro “baiano”, dono de barcos e sócio de uma agência de passeios. Acabaram por agredir o “baiano” e destruir toda a sua agência. Ele estava em ascensão no trabalho com os barcos.

Segundo alguns barqueiros, por mostrar mais “profissionalismo” do que os demais, e segundo alguns outros, por ser baiano e ter mais facilidade de construir barcos mais baratos na Bahia e trazê-los para o Abraão, onde predominam os barcos pequenos e, por isso poder fazer preços mais baratos quebrando os acordos feitos com os demais barqueiros. Sem a imprensa angrense para registrar o fato, o acontecimento passou em branco e os agressores impunes. Logo depois, o baiano acabou indo embora do Abraão

---

<sup>16</sup> Durante a pesquisa esse era o maior barco, em capacidade de passageiros, que exercia a atividade turística no Abraão.

por causa de tal agressão que não tinha sido a primeira. Mudou-se para Angra e passou a trabalhar lá.

Além disso, houve também uma sabotagem feita em 4 barcos, onde cortaram os toldos e salva-vidas, sujaram os barcos com óleo, jogaram no mar elementos importantes aos passeios, como caixas de som e almofadas dos bancos. Segundo alguns, a sabotagem é devida ao fato dos tais barqueiros estarem praticando um preço mais barato do que o normal para os roteiros já estipulados (Lopes Mendes, Lagoa Azul e Lagoa Verde), ou seja, novamente a quebra dos acordos estipulados de “mesmo preço”. E por estarem também criando novos roteiros, que incluem dois ou mais dos roteiros antigos (ex: Lagoa Azul + Lagoa Verde) pelo preço de um.

*“Tive um prejuízo de R\$ 6 mil, sujaram de tinta, rasgaram o toldo, cortaram os salva-vidas... a polícia está investigando, tiveram uns peritos aqui. Vou pedir ressarcimento dos prejuízos, não tenho idéia de quem foi e nem o porquê. Na verdade tenho, mas prefiro não falar para não atrapalhar as investigações.”*

(dona de um dos barcos sabotados e pousadeira)

*“Eu acho que foi por causa do roteiro, a gente aqui pega o bagaço da laranja e a gente juntou os roteiros de Lagoa Verde e Lagoa Azul.”*

(Barqueiro de um dos barcos sabotados)

Foi também denunciado numa matéria do jornal O GLOBO, de 27/4/2003, "Ao mar, com tudo que há de errado a bordo" por Taís Mendes, uma série de irregularidades nas embarcações de passeio como: lotação acima da capacidade permitida, ausência de rádios de comunicação e número insuficiente de coletes. A reportagem chama a atenção para a falta de fiscalização nas embarcações de passeio da Ilha e de Angra; de fato, no Abraão, como pude perceber, a fiscalização nos barcos de passeio é raríssima, senão, inexistente. Sendo que a Capitania dos Portos atua em Angra e no mar durante os chamados “feriadões”. Mas não chega a ter uma atuação mais rigorosa a ponto de entrar em cada um dos barcos de passeio e verificar documentações, rádios de comunicação, coletes salva-vidas e outros elementos essenciais nos passeios de barco.

Assim, podemos estabelecer uma relação direta entre a questão dos preços dos passeios e a geração de conflitos entre os barqueiros iniciada justamente com a quebra dos acordos. Acordos esses que estipulam que todos os barqueiros em atividade devam ter o mesmo preço para os roteiros básicos, não importando se estão na baixa ou alta temporada.

É importante salientar que tais acordos são feitos apenas de forma verbal, não havendo nenhum tipo de registro por escrito e/ou assinado pelos barqueiros que se fazem presentes nessas reuniões. Dessa forma, não é possível cobrar “juridicamente” ou “civilizadamente” o cumprimento de tais acordos. Assim, a possibilidade do “blefe” sempre acaba ocorrendo e gerando a revolta daqueles que cumprem os acordos.

## 7. CONCLUSÃO

Nesse complexo meio social dos barqueiros a grande fluidez em relação às posições é a característica mais marcante: seja em relação à organização das atividades, seja nas nomenclaturas de cada um. Porém, nas categorias de identificação dos barqueiros não há muita fluidez entre os tipos Barqueiros, Nativos e Baianos, mas percebe-se uma manipulação em relação a ser ou não um nativo. Quando é interessante para eles serem um nativo, eles se encaixam, se incluem nesta categoria; quando não é interessante, então se excluem dela. Também afirmam ou omitem a identidade de barqueiro, conforme as situações.

Tanto essa fluidez quanto a manipulação de identidade, referidas acima, quanto tudo aquilo que pude avaliar e expor anteriormente em relação ao universo dos barqueiros na Ilha Grande aponta para a instalação irreversível do turismo na Ilha. Aponta igualmente para a forma desorganizada e desarmoniosa como essa instalação das atividades turísticas vem ocorrendo a partir de meados da década de 90 com a implosão do Presídio.

Assim é que o caso dos barqueiros também ilustra uma série de questões desse contexto, tal como já demonstrado em diferentes trabalhos (Prado, 2002, Malbouisson, 2004), como por exemplo a questão dos conflitos de visões e interesses. Nesse sentido parece que os barqueiros representam de modo bastante expressivo toda a eferescente mudança que a Ilha Grande vem sofrendo para se adaptar ao turismo e , ao mesmo tempo para fazer a passagem do turismo de massa para o turismo seletivo que se quer dentro de unidades de conservação. Cada grupo existente dentro do segmento dos barqueiros representa um grupo maior: aqueles que são da Ilha e querem se adaptar a essa nova realidade, participar e lucrar também com esse novo perfil turístico; aqueles que vêm de fora com a esperança de encontrar um lugar para morar com qualidade de vida e trabalharem para si mesmos; e, finalmente, aqueles que vêm apenas para explorar mais um pedacinho deste paraíso, sem preocupações com tradições, comunidades, adaptação, estando apenas interessados no “lucro líquido”, no mercado turístico consumidor das altas temporadas.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Cristina. *Caiçaras na Mata Atlântica – Pesquisa Científica versus Planejamento e Gestão Ambiental*. São Paulo, Annablume / FAPESP, 2000.

BANDUCCI, Álvaro Jr., BARRETTO, Margarita (Orgs.). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Papirus Editora, 2002.

Boletim *Justiça Ambiental*. Ano I, nº 1, edição especial, janeiro de 2003.

CAPAZ, Camil. *Memórias de Angra dos Reis*. Angra dos Reis, RJ. ASA Artes Gráficas. 1996.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa – Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

GEERTZ, Clifford. *O Saber Local – Novos ensaios em antropologia interpretativa*. 2ª edição, Ed. Vozes.1978.

GOMES, Marcus M. *A natureza sob vigilância – Ethos penitenciário e etnoecologia na Ilha Grande*. Monografia. Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UERJ. Rio de Janeiro. 2001.

Jornal *Bicho Verde*, ano 1 nº 6. Angra dos Reis, Paraty, e Mangaratiba – RJ. 2001

Jornal *A Cidade*, Angra dos Reis, 18/1/2002.

Jornal *O Eco*, ano II nº 17, ano III nº 21, 24, 29, 30, 31, ano IV nº 40, 41. Angra dos Reis - Ilha Grande. 2001, 2002 e 2003.

LORENZO, Rosa Amélia F. G. *A que passos andam as tartarugas – Estudo sobre o impacto sócio-cultural do turismo em Praia do Forte*. XX Reunião Brasileira de Antropologia, 1996.

Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, parágrafo 1º, incisos I, II, III, e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - SNUC - e dá outras providências.

MALBOUISSON, Augusto B. *Construções do Paraíso: Arquitetura e questões sociais no Abraão – Ilha Grande (RJ)*. Rio de Janeiro. 2004.

MENDES, Tais. “Ao mar com tudo que há de errado a bordo”. *Jornal O Globo*. Primeiro caderno. 27/04/2003.

NUNES, Márcia. *A perda dos Territórios Caiçaras*. *Jornal da USP*, ano XX, nº 721. 2005.

PARÈS, Juan José Fernández, Capitão-de-mar-e-Guerra. *Homens do Mar, um estilo de vida*. Montevideo, Uruguai. Litteris Ed. 1990.

PRADO, Rosane Manhães. *Depois que entrou o Imbamba: Percepção de questões ambientais na Ilha Grande*. In: XXII Reunião Brasileira de Antropologia, 22., Brasília.2000.

\_\_\_\_\_. *Quem entende do Paraíso: estudo sobre percepção e políticas ambientais num contexto de unidades de conservação*. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 23., 2002, Gramado. 2002.

\_\_\_\_\_. *Tensão no paraíso: Aspectos da intensificação do turismo na Ilha Grande*. Caderno Virtual do Turismo nº 7. Rio de Janeiro: Instituto Virtual do Turismo/COPPE/UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. *As espécies exóticas somos nós*. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano9, nº20, p.205-224. Rio de Janeiro. 2003.

PRADO, Simone Moutinho. *Da anchova ao salário mínimo – Uma etnografia sobre as injunções de mudança social em Arraial do Cabo*. Niterói, RJ. EdUFF, 2002.

SUT, Maria de Lourdes Siqueira. *O Artesão Urbano: Um profissional entre o sonho e a realidade – Estudo de representações a partir da Feira Hippie*. Monografia de Especialização em Sociologia Urbana, UERJ. Rio de Janeiro, 1995.

SITES:

<http://guiadolitoral.uol.com.br/ilhagrande>

[www.cerj.org.br](http://www.cerj.org.br)

[www.codig.org.br](http://www.codig.org.br)

[www.ilhagrande.com](http://www.ilhagrande.com)

[www.ilhagrande.com.br](http://www.ilhagrande.com.br)

[www.sosmataatlantica.org.br](http://www.sosmataatlantica.org.br)